



Teresa Veiga
uma
aventura
secreta do
marquês de
Bradomín

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

índice

As Parcas

7

Uma Aventura Secreta
do Marquês de Bradomín

47

O Maldito, Marianina
e o Feitiço da Rocha da Pena

103

NOTA BIOGRÁFICA

143

© 2015, Teresa Veiga
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Originalmente publicado
em 2008 pela Cotovia.

Título: *Uma Aventura Secreta
do Marquês de Bradomín*
Autora: Teresa Veiga
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2015

ISBN 978-989-671-284-6
Depósito Legal n.º 399842/15

as Parcas

Em meados do século vinte existiam ainda no centro de Lisboa muitos prédios de boa aparência, arrendados a uma burguesia abastada que precisava de dez ou mais divisões para fazer face à complexidade da vida doméstica e permitir a coabitação, em territórios distintos, de pais, prole e criadagem.

Num desses prédios, situado numa rua central, integrado num conjunto de edifícios todos iguais, pintados de azul claro, que ostentavam medalhões com grupos escultóricos ao longo da cornija e por cima da altíssima porta de entrada e um vão enquadrado por colunas dóricas no segundo andar, que era considerado o andar nobre, vivia, precisamente nesse andar, a família do engenheiro Rui Pelágio, reduzida à viúva e à filha desde que ele falecera e os dois filhos mais velhos, casados, habitavam em casa própria.

O engenheiro nascera no Ribatejo, estudara em Lisboa, e aos vinte e sete anos era secretário do ministro das Obras Públicas por interferência de um amigo que lhe devia alguns favores e a quem interessava cimentar aquela amizade. Uma viagem de trabalho levara-o a Bragança onde conheceu Francisca Arroyo, ainda muito jovem mas já órfã de pai e mãe, rica e de boa linhagem o

suficiente para encabeçar a lista dos bons partidos e que nesse momento ansiava por uma paixão com desenlace rápido, que a subtraísse à custódia dos familiares rapaces, armados em guardiões da sua moralidade.

De regresso a Lisboa o engenheiro, homem mulhengo e eminentemente prático quando se tratava dos seus interesses, escreveu e enviou três cartas que chegaram ao mesmo tempo aos seus destinatários: a primeira à amante de longa data, pondo termo à relação por sentir que não a amava o suficiente para a levar ao altar; a segunda a João Arroyo, pedindo-lhe autorização para se corresponder com a sobrinha; a terceira à mãe, que vivia sozinha na casinha de aldeia da modesta pensão que ele lhe fazia chegar às mãos todos os meses, prevenindo-a de que ia mudar de casa e dando-lhe o endereço da posta-restante.

Um ano depois casava com Francisca Arroyo e instalavam-se no andar em Lisboa onde iam passar o resto das suas vidas. Depois disso a carreira do engenheiro levou-o a desempenhar diversas funções na Administração Pública sem nunca desmerecer da fama de profissional competente e de uma lealdade a toda a prova ao regime, mas nunca foi tão longe quanto auguravam o seu valor intrínseco e as promessas contidas nos seus brilhantes inícios. No entanto, se sentiu alguma frustração soube ocultá-la sob uma capa de indiferença e quando diante dele se comentava o salto para uma posição de poder de um desconhecido, encolhia os ombros e dizia que o ideal para cada um era viver de acordo com as suas íntimas convicções sobre a melhor maneira de desfrutar da vida.

O engenheiro sabia do que falava pois era frequentador das salas de jogo e bordéis das ruas da Boavista e

do Poço dos Negros com o mesmo recato com que gozava as delícias da vida familiar.

De facto seria difícil imaginar uma existência mais ordenada, mais livre de canseiras, cuidados e preocupações, do que a que ele levava junto da família. A sua única exigência era ser bem servido e para que tudo corresse sobre rodas ele próprio contratara duas criadas que já lhe tinham prestado serviços antes do casamento e com elas inaugurara o novo lar para o qual contribuirá ainda com a mobília do quarto do casal, a do escritório, e vários quilos de folhelho, no tempo em que os travesseiros de penas e os colchões de sumaúma eram luxos dos amos e os servos dormiam em leitos de chumbo. As duas criadas eram irmãs e a mais nova sofria de um ligeiro atraso mental mas o que parecia uma opção desastrada revelou-se vantajoso em termos práticos pois a mais velha encarregava-se de suprir as limitações da outra e exercia sobre ela uma vigilância tirânica para justificar a exigência que fizera de igual tratamento para as duas, igual paga. Graças a elas, Francisca Arroyo nunca teve de se preocupar com tarefas domésticas e foi poupada aos dramas vividos pelas amigas, muito causticadas pelas experiências calamitosas com serviçais desonestas ou incompetentes.

Além das suas qualidades como força de trabalho, as duas irmãs tinham outra ainda mais rara e preciosa: eram dois túmulos. É evidente que ao longo de mais de três décadas de coabitação Francisca ficara a saber tudo o que havia para saber sobre elas, mas esse tudo era quase nada e os sentimentos que elas lhe inspiravam praticamente não tinham evoluído desde o dia em que aceitara, com relutância, tomá-las ao seu serviço. Por vezes ainda tinha uns

rebates de consciência em que se acusava de insensibilidade e egoísmo, mas ao mesmo tempo que se penitenciava logo se absolvía, pois as duas irmãs eram tão destituídas de afabilidade e simpatia, para não falar na fealdade grotesca da mais nova, que teria sido difícil conseguirem noutro lado a estabilidade e sossego de que gozavam na sua casa. Assim, limitava-se a ser correcta e justa e não lhe passava pela cabeça que por detrás daquelas mentes obtusas se pudessem esconder pensamentos inconfessáveis.

Os dois filhos, que nasceram com intervalo de três anos, cansaram-na física e moralmente mais do que se atrevia a confessar. O engenheiro só vinha para casa à hora do jantar e se um filho adoecia sem gravidade pedia à mulher como supremo favor que fosse para o quarto das crianças e o deixasse dormir descansado. Tinha aliás o maior respeito pela sublime função da maternidade e quase não interferia na educação dos filhos por considerar que esse papel cabia à mãe mas à medida que cresciam tornou-se mais crítico e falava muitas vezes nas vantagens para a formação do carácter de um ambiente de disciplina e autoridade.

O certo é que, fosse uma decisão brusca ou longamente planeada, conseguiu algo que parecia impossível. Quando o mais velho completou a instrução primária usou de toda a sua influência para o convencer de que só os melhores, os eleitos, entravam para o Colégio Militar, e o rapaz, que era vivo e audacioso e por isso respeitado e temido pelos colegas, julgando que ia ter um amplo campo para as suas manobras, não deu tréguas à mãe enquanto ela não consentiu na separação. O mesmo se passou, na altura própria, com o segundo filho, menos

rebelde e menos arrojado que o primeiro, mas confiante na protecção do irmão e seduzido pelas aventuras viris que iria partilhar com ele.

Francisca sofreu bastante com a ausência dos filhos embora reconhecesse que a educação que recebiam no Colégio se reflectia em melhor comportamento e melhores maneiras em vez de reforçar, como receara, o seu lado mais turbulento e brutal. Com a aceitação veio a consciência de que ficara muito sozinha e do vazio das horas por preencher. Durante um ano viajou algumas vezes até Bragança onde reatou com as amizades de infância e os seus antigos conhecimentos sociais. A casa de família, onde tudo lhe falava dos cari giorni sob o doce jugo paterno, voltou a exercer sobre ela o mesmo encantamento secreto, e o excesso de sensações, actuando como uma droga, fazia-a viver num estado de exaltação permanente, em que tão depressa se apoderava dela o espírito da combatividade como se atormentava por estar votada a uma existência medíocre, feita de artimanhas, concessões, pensamentos sigilosos e devaneios sem substância nem consequências práticas.

Foi então que engravidou novamente, sem chegar a perceber se fora por acaso ou se o marido se servira desse meio para restabelecer a ordem que julgava ameaçada. O engenheiro apostou até ao fim que vinha ali o terceiro herdeiro mas perante a seráfica menina que resistia a erguer as pálpebras e comunicava através de trejeitos dos lábios cor-de-rosa e súbitas movimentações dos dedos longos e finos, emudeceu, e dias depois confidenciava aos íntimos que nunca imaginara poder vir a apaixonar-se por outra mulher.

Chego a sonhar com Sampedro, que subimos as escadas da torre que levam à cúpula e eu lhe peço que me esclareça em nome da nossa amizade, mas já se sabe como são frustrantes os encontros em sonhos e então tratando-se de um homem complicado como ele: ri-se, encolhe os ombros, faz uns gestos evasivos e dissolve-se na distância sem me responder.

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Licenciada em Direito e mais tarde em Literaturas Românicas, exerceu por um breve período de tempo a actividade de conservadora do Registo Civil.

É autora de seis livros, entre volumes de contos, novelas e romances: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *O Último Amante* (1990), *História da Bela Fria* (1992), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003), *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008) e *Gente Melancolicamente Louca* (Tinta-da-china, 2015).

uma
aventura
secreta do
marquês de
Bradomín

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Rainho&Neves,
Artes Gráficas, sobre papel Coral
Book de 90 g, em Outubro
de 2015.